

# O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 296

Domingo (Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta) SERIE  
5 (Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros) 65.

## ALBUM DA CRITICA.

Fortaleza, 5 de Agosto de 1883.

Ora, vivam e revivam, senhores amáveis leitores!

Eis de novo em scena — o *Meirinho* e eu.

Que temos de novo por este mundo velho?... *Alguna coizita*, não?...

É provaes.

Então... mãos aos arames.

§

Quando estou meio *arruaes*.

Não attendo a *chora* ou *rago*:

Agarro *penna* e *papel*.

E faço gente *comer fogo*.

§

Pois não é dezaforo, e dezaforo até malcreado — o que acaba de fazer o Dr. Lucance?!

Não sabem!! Heim?!

Pois não sabem que elle acaba de comprar um cavallo de sella, por 300 folhas, e isto — por conta da *estrada*, — para dar os seus passeios, pois para outra couza não é?!

Não sabem?! Admira, porque por ahi é só o que se ouve dizer; e — *occe populus, vocce Dei*.

Alguem diz que o bucefalo é para o tráfego da *estrada*...

Hom'essa!...

P're que este remendo de *estoupa* em *cambráia*?!

E, depois... que cavallo é este tão caro?!

Será algum *poney* ou algum *garranhão*?!

Ora, seo Lucance, isto é feio e immoral.

§

Vou-me embora d'esta terra,

Vou morar com tia Côtá;

Quero vêr se o primo — *Arranjo*

Me cede a filha — *Patôta*.

§

Este mundo é assim!

Um fuão de tal contracta a limpeza publica de nessa capital, e o pobre humanidade não pôde andar na rua — sem risco de levar *cisco* nos olhos.

Dirão os leitores: — E porque a *Camara* não toma uma providencia sobre isso?

Respondo-lha: — Como ha de tomar, se ella foi a primeira que tomou *cisco* nos olhos...

Não vêem os pobres *fiscaes* como andão? *Cegos* que chegam fazer dó.

§

N'esta marcha em que nós vamos

*Marcha* tudo é — *piparôtes*!

Quem não fôr *filho* — se *arranje*,

Pois o tempo é dos — *filhotes*!

§

Uma do Albino!

Não sabem porque deixou elle de acreditar mais em Santos?

É facil de explicar, segundo o *Magnum Flavium*:

O mestre *Capão* entendeu um dia de *berrar* como um *bode*; e para isto *prometteu dez tustas* a um Santo *milagrento*...

Esperou... esperou... esperou... e como o Santo não opperou o *milagre*... *bordoada* n'elle...

Eis porque o mestre *Capão* está ministro — *lacycavalobestifico*.

§

D. Lacy — *padre cazado*,

O *Mellado* — mestre *esquilo*,

Entenderam de *mandar*

Um Albino p'r'o *Azylo*.

§

Não ha molestia tão perigoza como a — *monomania*.

D'ella — hão tratado muitos medicos; porém sem rezultado.



J. P.  
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro  
(Rua do Lavador nº 52.)  
Rio de Janeiro

Qual!?. Elles cagam, mas não dançam...

Quem paga a muzica — sou eu.  
E porque não?

Quem é capaz de curar a monomania-poetica do V. Murinelly?!. Quem?!  
Só eu!.. Não!.. O Meirinho, e com um calmante sublime.

Vai se fabricar.

§

Tenho visto n'este mundo  
Couzas de ficar — patêta!  
Tenho visto... mas, não vi  
Um burro... feito poeta!

§

O Libera está contente como... nunca!  
E, como não?! Axi!  
Duas glorias — d'uma vez é pouca couza?!  
Fallou o compadre Metton do alto da imprensa, e o Rodrigão — foi reeleito.....

E o que mais?!.

— Um posto para o Miguel, que é quem encherá mais na familia!  
Está feito.

§

Um Ralph, lá de S. Paulo,  
Latindo — mesmo... sem som,  
Fez fallar — pelo Jornal —  
O grande — Dr. Metton!

§

O Ventura está no ago por cauza da reeleição do Rodrigão, porque o seu candidato era o Dr. Jaguaribe.

E o João Tonico está saltando de contente, pois diz que espera ser nomeado Official da Guarda Nacional, na primeira enchente.

E está o que eu não duvido.

§

Neste mundo quem não é  
Capaxo e adulator,  
Não provem de boa gente  
Nem tem honra e pondunor.

§

A passeiada dos miranhas foi a coiza mais chinfrin que tenho visto.

Imagine-se o Arraes e uns moleques soltando faguetes d'uma só bomba, o Joaquim Nogueira e o Sabino; o Bellinho e Miguel Salles, seguidos do Libera e seu mano Cazura; meia dúzia de matutos de Arronche, Soures e Mecejana; meia dúzia de moleques, e... eis a festa da reeleição do chefe da patuleia-miranha, reeleito por obra e graça dos miseraveis Mellos Marinhos e outros trampolineiros de igual jaez.

E hão de vêr como o Cearense descreve o tal labassé.

§

Rodrigão montou o cabo,  
O Libera soltou bomba,  
Manivão abriu da loca  
E o porco metton... a tromba.

§

Como passou, Sr. Cadete Tarugo?!  
Hah?!.

Seu cabeçudo... seu cabeçudo... Tenha modo, e deixe a viúva do defunto morto.

Você pensa que por ser brigada pôde pintar o Sete e o Simão com quem bem entende e quer?!  
Quaes, mostre!

Não é assim que se vai á missa na Sé!..  
Quaes!..

Você pôde saber muito, pois p'ra isso tem cabeça e companhia; porém ainda falta aprender um pouco.

Ista de querer impolar de arrochado... aqui... é bobagê!

Você caga, mas não dança, pois quem paga a muzica sou eu  
E diga.

§

Tenho dito — por hoje.

Quereis mais alguma couza?!  
Eu sou como o bodegueiro: hoje,

não... amanhã — sim.

§

Basta, leitores, por hoje,  
Já me vou, mas volto breve,  
Receba muita lembrança,  
Quem de mim noticias teve.

O Bispo.

§

Pelos jornaes.

A nossa imprensa vai aos empurrões:

A Constituição — soffre-se; o Pedro II — tolera-se; a Gazeta do Norte — é só clichê e noticias da Trapizonha; o Cearense — está desgratado... É o Zé Urú da imprensa Cearense!

Afinal, dos jornaes grandes só o badêjo é o Libertador, porque é um pouco desatreimado, e não manda dizer — diz, e na rosca da venta.

Quanto aos jornaes pequenos — nem vale a pena fallar-se, pois só temos dous, e um delles — *O Sol* — anda sempre entre *nimbus* e *cumulos*.

De todos finalmente, o melhor é o *Meirinho*, e isto é dito por todos os povos e povos d'este globo.

## GALERIA DO POVO.

### MOTTE.

Seo *Dezazado*, me gloze  
Este *Motte á pé de gallo* :  
D. Libera, frei *Lacy*,  
Príncipe *Arraes*, mestre *cavallô*.

### GLOZA.

Fui tomar hontem uma *doze*  
Na botica do *Mamede*  
Quando um sujeito me pede:  
— Seo *Dezazado*, me gloze...  
Quero que você me *toze*,  
Na muzica de S. *Gonçalo*,  
Uns *typos* — *bestas de talo* —  
Cada qual mais *desbriado*!  
Me gloze, seo *Dezazado*  
— Este *Motte á pé de gallo* :

O grande *Motte* eu pedi,  
Afim de poder glozar;  
E suei p'ra combinar  
— D. Libera, frei *Lacy*!  
*Carambas!* Não consegui  
Fazer isto á *pé de gallo*!  
Na muza dei um *estallo*,  
Mais duas *dozes* tomei,  
E a final — sempre glozei  
— Príncipe *Arraes*, mestre *cavallô*.

O *Dezazado*.

†

### Á PÉ DE GALLO.

Muita gente anda zangada  
Com o *Meirinho* — este *ratão*;  
Porém isto é — *casuada*,  
Pois p'ra tal não ha razão.

O *Meirinho* só tem dito  
A verdade — nun e *crua*,  
Pois p'ra isto foi creado...  
E tem dito, e continúa.

Quem não quizer vêr a pelle  
Arder da critica no *album*,  
Seja amigo do *Meirinho*  
E, não faça *modo* algum.

Porque mesmo indo amiguinho

Do *Meirinho* — *badejão*,  
Ninguém está habilitado  
A pintar — *manta e Simão*!

Isto não!.. Alto, *vareta*!..  
Ataca, *Fellippe*, ataca!..  
Fugio o — *fio* — da *siringa*...  
Do *Meirinho* está na *faca*.

Vamos indo, seo *Meirinho*;  
Assim é que é bom fazer!  
Ataque os *typos* bonitos,  
Faça tudo, se mexer.

Não poupe ninguém, não poupe,  
Seo *Meirinho* — *badejão*,  
Seja embora um *Porco-espinho*,  
Um *Montanha*, um *Manivão*...

Não me poupe os *namorados*,  
Gente tola e sem vergonha;  
Cuidado com certas *typas*  
Do *fucinho de pamonha*.

Ao cazado — *intromettido*  
Em negocios de — *namoro* —  
Fogo n'elle, seo *Meirinho*!  
Não se importe qu'haja *choro*.

Ataque, mestre *Meirinho*,  
A *peia* — em quem merecer!  
Ataque e conte commigo...  
E o *barco* deixe correr.

Vá mostrando, seo *Meirinho*,  
Que é *badejo* e de *saude*!  
Vá dizendo as *vacquidades* : —  
— Quem não gostar que se *mude*.

1883 -- Ceará.

Fra *Diavelo*.

†

### NÃO GOSTO...

— de quem *gosta*  
Do que eu digo que não *gosto*,  
Porque não *gosta* de mim,  
Isto digo, e até *oposto*.

Não *gosto*, e faço *barulho*.  
Faço *barulho*, e tã brigo;  
Quem *gosta* do qu'eu não *gosto*  
Por Deos! — não *gosta* commigo!

— d'um *rapazola*  
Que por muito *dezafogo*  
Namora — *cynicamente*  
Até um *typo* de *fogo*.

Este mestre — *Sarué* —  
É preciso endireitar se!  
Quem anda pegando em *fogo*  
Corre risco de *queimar-se*.

— de certa gente,  
Quo nas rodas de calçada  
Vive *sortando na pelle*  
Até de moça casada.

Isto é máo!... É indecente!...  
Não é de gente de bem!  
Um *quidam* que assim procede  
Não tem vergonha!... Não tem!...

— de uma Curumba;  
Que vive n'um *dezaouro*,  
Damnada p'ra namorar,  
Ou damnada por — namoro.

Esta coiza feia e *chata*,  
Da *calassa* do Lacy,  
Se não figura uma *pata*,  
Parece uma — *patory*!

— de certo melro,  
Que por — *expeculação* (!)  
Vive a fazer em sua casa  
Todo o dia uma *função*.

A este — *sabido e meio* —  
Um conselho eu quero dar:  
Largue esta vida *safada*  
E procure — *trabalhar*.

— de caixeirinho  
( De *chinfrin* — *gente devota*, )  
Que não perde um *rega-boses*  
Inda mesmo n' *Aldeiota*.

Não gosto mesmo porque  
Uma vez e outra não  
Está tomando um *supapo*  
A gaveta do patrão.

— já tenho dito,  
E não ha que duvidar,  
De moça que faz namoro.  
Sómente para ... *fiutar*!

Destas eu conheço uma  
No Oiteiro da Prainha,  
Que vive de bocca em bocca  
Dos meninos de Candinha.

— de seo Meirinho,  
Não gosto e té faço choro,  
Quando o não vejo *sahir*  
Bem cheio de — *dezaforo*.

Quero vêr gente *mexer-se*,  
Chamar *pápá* e *mamá*;  
Quero vêr gente *ciar*  
— Na *unha da carimã*.

— de gente moça,  
Que *almoça* e *seia* *rozario*,

E não sahe todos os dias  
Do pé d'um — *confessionario*.

Semelhante *santarrona*  
Nunca foi *religioza*!  
Ella é — sabem o que?!  
— *Refinada cavilôza*!

— nem pelo *demo*  
Ou *diabo* — o mais *safado* —  
D'um *sárará* que anda aqui  
Chamado — *padre cazado*.

Este mestre *lutherano*  
Bem merecia tomar  
Na sua larga *lombada*  
Uma *piza* até *rinchar*.

— de um bodegueiro  
Chamado — *Lulú Coelho*,  
Porque além de *ser pedante*  
É um *typo* muito *felho*.

Não gosto! Fallo *sizudo*!  
E saber muito *quizera*  
O que entende do mundo  
Este cara de *Migera*.

— do tal *Ogenio*,  
Intendente — *seringueiro*,  
Porque *entende* este coiza  
Ser senhor do mundo inteiro.

S'este *soldado* *soubesse*  
Quanto é *sarofa* de mais,  
Já tinha *puxado a trouxa*  
P'ra terra dos *seringoes*.

— de seo Alfredo  
Arco-Verde — *Camarão*,  
Porque pensa que no mundo  
Só vale sua *prezumpção*!

Seo Alfredo, largue a *trouxa*!  
Vá comprar *couro de bôde*!  
« *Prezumpção* e *agua benta*,  
« Cada um tome o que *póde*... »

— da tal *policia*,  
Mulher velha e mui *gottoza*,  
Que p'ra fazer o que deve  
É ruim como sa *Rôza*.

E como não ser assim,  
Se os seus chamados — *agentes*  
São cozinhas muito *pritimás*: —  
Uns *cegos*... outros *dormentes*?!